

que não fazia apologia, mas ensinava que diante da inevitabilidade da morte natural é imperioso evitar a morte espiritual, abominar a morte eterna, praticar a morte mística e exercitar, numa ascese permanente, a morte física.

Como num lampejo de premonição de seu passamento estabelecido para vinte dias depois, a todos confortava com o pensamento bíblico: "É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos seus servos", e aduzia a observação de Heidegger: "A morte é companheira do ser". Na perspectiva da fé ela é, sobretudo, o vale que leva o peregrino aos prados eternos para as Bodas do Cordeiro. Profeta da Esperança, Paulo Bratti arrematava com esta confortadora lição da nossa fé: "Ressuscitando Jesus dentre os mortos, Deus pronunciou a palavra última e definitiva: Vitória!"

De modo que, como homem pascal, a certeza da morte não o seduzia nem intimidava. Se não repetia textualmente o Apóstolo Paulo, — "o primeiro depois do Único" — "para mim morrer é lucro, viver é perda", simplesmente caminhava entre as coisas que passam, conforme a bela liturgia que tantas vezes celebrou, com os olhos fixos naquelas que não passam.

Condenava o derrotismo de Sartre, que proclamou ao mundo a sua Náusea: "O homem é uma paixão inútil. É absurdo nascer, é absurdo viver, é absurdo morrer". Ao contrário, como peregrino do Absoluto, sabia como poucos dizer sim à "bondade radical da vida", para tomar de empréstimo essa expressão de Leonardo Boff, que gostava de citar.

Realista, não afirmava ser fácil atingir os ideais de vida cristã que ia propondo. Advertia que muitas vezes, para chegar à Esperança, o homem precisa passar por uma experiência de desespero. A Esperança nasce quase sempre — dizia — de um grito desesperado de socorro ("Do fundo do abismo clamei a ti, Senhor"), porque o coração do homem é uma terra de conflitos.

O homem de Esperança, como já o dissera Monsenhor Luiz Marques Barbosa, é aquele capaz de levantar-se todos os dias de sob os próprios escombros.

Sensível às realidades que o cercavam, Paulo Bratti denunciava a "heresia vital", na expressão de Young, a qual para ele se traduzia em tornar absolutos valores relativos, erigindo altares aos deuses mais em voga neste fim de século: Mamom, Eros e Hybris. Contudo, essa idolatria do Ter, do Prazer e do Poder, ao invés de preencher o vazio do coração dos homens, gera a solidão do indivíduo e a solidão das massas, levando a uma sociedade competitiva mas não fraterna, responsável por uma pirâmide social perversa. Parecia-lhe uma consequência necessária, porque "quando se perde o sentido do Deus vivo e de seus caminhos misteriosos e desconcertantes, começa-se a sacralizar falsos absolutos". E completava: "Essa absolutização é inevitável quando falta vida de oração e se perde de vista a transcendência e a gratuidade do Reino de que não podemos dispor".

Não se esgota nestas evocações, é claro, a riquíssima pregação do seu derradeiro Retiro, e nem de longe o fecundo magistério

desse sacerdote, nas suas múltiplas atividades. Jovial e afável, Paulo Bratti trazia como sinal de sua bondade um sorriso que não o abandonou nem no momento extremo de sua caminhada.

Culto, não era apenas — se assim se pudesse dizer — um especialista nas coisas de Deus

Culto, não era apenas — se assim se pudesse dizer — um especialista nas coisas de Deus. Versava com elegância e graça os temas mais variados. As vezes dava a impressão de haver perseguido todo o itinerário literário da conversão de Alceu. Tinha íntima familiaridade com a vasta obra de Bernanos, Chesterton, Maritain, Léon Bloy, Péguy, Rimbaud, Claudel, Mauriac, para não falar da obra do próprio Alceu e de seus companheiros no Centro Dom Vital.

Paulo Bratti teve também — sabem-no os que com ele conviveram mais de perto — seu doloroso cativo. Contudo, coerente, não se entregou à desolação do deserto, mas à mística do Êxodo. Confiante, sabia receber-se todos os dias das mãos amorosas de Deus; humilde, aceitava-se como criatura, professando sua radical indigência diante do Senhor; crente, repetia com o salmista: "O Senhor é meu Pastor"; fraternal, secundava João XXIII: "O amor une as diferenças, sem apagá-las"; guia espiritual, repetia o testemunho de Claudel acerca de sua conversão: "Travou-se em mim, durante quatro anos, uma guerra civil: a guerra do pronome contra o Verbo. Somente a venci quando capitulei, consentindo que o Senhor tomasse conta de minha vida".

Vinte e cinco de abril de 1982. É quase noite, o retiro acabou. O Coral Santa Cecília despede-se das freiras e dos serviços solícitos, cantando, da Ópera Nabuco, de Verdi, o "Va Pensiero" que evoca os hebreus no cativo, chorando a saudade e o exílio, mas de olhos postos na Terra da Promissão. Vinte dias depois, diante do esquife de Paulo Bratti, ocorreu-me que a intuição do Pe. Ney Brasil Pereira, Regente do Coral Santa Cecília, tivera também um lampejo de premonição ao escolher aquele número para despedir-se, não só de Angelina, mas sobretudo do amigo dileto que, sem o saber, estava de malas prontas para viagem maior, no rumo do Futuro sem fronteiras.

Endereço do autor:

Rua Esteves Júnior 458/602 (Edifício Flamboyant) — Centro
CEP 88015-530 — FLORIANÓPOLIS — SC

PAULO BRATTI — "UM PECADOR QUE DEUS AMOU"

Reflexões bíblicas a partir do seu epitáfio

Pe. Ney Brasil Pereira
Professor de Exegese

O transcurso do 10º aniversário do falecimento de Padre PAULO BRATTI, primeiro Diretor do ITESC, leva-me a tentar aprofundar, nas páginas desta revista — que foi um dos seus sonhos ⁽¹⁾ — os termos do epitáfio que fizemos gravar sobre seu túmulo, no cemitério de São Francisco de Assis, no Itacorubi, Florianópolis. Não nos ocorreu, na oportunidade, frase que melhor exprimisse

a sua rica personalidade do que estas palavras, colhidas mais vezes de seus lábios: "Sou um pecador que Deus amou. Ele tem preferências escandalosas." Aliás, no seu túmulo ficou gravada só a primeira parte do pensamento, suficientemente eloquente, marcada como está pelo paradoxo do "pecador" — "que Deus amou"

Entre os textos bíblicos que se poderiam apontar como parale-

los, o primeiro que me ocorre é o de Paulo, no início da primeira carta a Timóteo: "Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro" (1Tm 1,15) ⁽²⁾. Mas vale a pena situar esse texto no contexto integral dos vv. 12-16, embora seja longa a citação, porque é uma passagem marcada exatamente pelo acento pessoal que encontramos no epitáfio brattiano:

"Sou agradecido para com aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me julgou fiel, tomando-me para o seu serviço, a mim que outrora fui blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, porque agira com ignorância, na incredulidade. Superabundou, porém, para mim, a graça de nosso Senhor, com a fé e o amor que há em Cristo Jesus.

Pois fiel é esta palavra e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro. Se por esta razão me foi feita misericórdia, foi para que em mim, o primeiro, Cristo Jesus demonstrasse toda a sua longanimidade, como exemplo para quantos nele não há de crer, para a vida eterna." (1Tm 1,12-16)

Outro texto, também de Paulo, e particularmente expressivo, novamente marcado pelo acento pessoal, é o que encontramos na carta aos gálatas, num confronto polêmico contra os judaizantes: "Pela Lei eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Com o Cristo eu estou crucificado. Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é o Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne eu a vivo pela fé no Filho de Deus ⁽³⁾, que me amou e se entregou por mim." (Gl 2,19-20).

Como não reconhecer, nestas "confissões" de Paulo, a fonte borbulhante de onde jorrou o epitáfio brattiano?

Um terceiro texto paulino, que não explicita mas supõe o amor de predileção de Deus para com o Apóstolo pecador — em vez do "amor" ele fala da "graça" — é o que encontramos no capítulo 15 da primeira carta aos coríntios, no final do testemunho sobre a ressurreição de Jesus, ao incluir-se ele próprio, Paulo, entre as testemunhas do Ressuscitado: "Por último, apareceu também a mim, o abortivo. Pois sou o menor dos apóstolos, e nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas pela graça de Deus sou o que sou: e sua graça a mim dispensada não foi estéril. . ." (1Cor 15,8-10). Aliás, também em Ef 3,8 o Apóstolo confessa humildemente a sua pequenez, ao mesmo tempo em que enaltece o dom, a graça de Deus: "A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza do Cristo. . ."

Relacionando, agora, os textos citados, parece-me que "o primeiro dos pecadores", que mais que todos "foi salvo", justamente por ser, "o primeiro", isto é, o pior de todos, na 1Tm 1,15, é exatamente "o abortivo", "o menor dos apóstolos", "indigno de ser chamado apóstolo", mas que "pela graça de Deus" tornou-se o que é (1Cor 15,8-10), apaixonado e "compelido" pelo amor do Senhor (cf. 2Cor 5,14), não sendo mais ele quem vive, mas Cristo vivendo nele, consciente de ser por Cristo amado: "Ele me amou e se entregou por mim" (Gl 2,20). . . — Como não reconhecer nestas "confissões" de Paulo, a fonte borbulhante de onde jorrou o epitáfio brattiano?

Falei acima do paradoxo que poderíamos perceber na junção dos termos antitéticos "pecador" — "amado por Deus". De fato, se fosse totalmente verdade, como já o observara o Sirácida, que "o Altíssimo detesta os pecadores" (Sir 12,6) e, como insistem os fariseus do episódio do cego de nascença em Jo 9,31, "sabemos que Deus não ouve os pecadores". . . como poderia, então, o Deus justo e santo amá-los? Foi por isso também que os fariseus e doutores da Lei não entenderam como Jesus podia aproximar-se de publicanos e pecadores, chegando até a fazer refeições com eles (cf. Mt 9,11). Receberam, porém, do Senhor, a seguinte justificativa, aliás irresponsável: "Não são os sadios que precisam de médico, mas os doentes. Ide, pois, e aprendei o que significa esta palavra: 'Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício ritual' ⁽⁴⁾. Eu não vim chamar os justos, e sim os pecadores!" (Mt 9,12-13). Em Lc 15,2, é a mesma reprovação de "escribas e fariseus" contra Jesus, por "receber os pecadores e comer com eles", que provoca o bendito trio de "parábolas da misericórdia": da ovelha desgarrada, da moeda perdida, e do pai misericordioso ⁽⁵⁾. Pois bem, poderiam multiplicar-se os exemplos para demonstrar, a partir dos evangelhos, especialmente dos Sinóticos, que uma das componentes essenciais da "boa notícia" de Jesus é justamente esta: a da misericórdia do Pai que acolhe os pecadores, e os perdoa e os ama. . . preferindo-os sem dúvida aos que pretendiam ser justos e observantes da Lei mas tinham duro o coração: a esses, endurecidos na sua pretensão justiça, o Senhor chega a preferir "publicanos e prostitutas", que, mais prontos em converter-se, os "precederão", aos fariseus e doutores da Lei, no Reino de Deus (cf. Mt 21,31-32)!

Nesta altura, evidentemente sem pretender ser exaustivo, parece-me útil propor algumas considerações sobre os dois polos do paradoxo brattiano: a confissão do próprio pecado — "Sou um pecador", e a proclamação do amor de Deus — "Deus me amou".

Se não se reconhece pecador, o homem se isola na sua auto-suficiência

1. **A confissão do próprio pecado:** É o passo decisivo, fundamental e essencial, para o justo relacionamento do homem com Deus. Se não se reconhece pecador, o homem se isola na sua auto-suficiência, e se fecha à graça, ao amor, à fé. Nesse sentido, há uma série de afirmações esclarecedoras na primeira carta de João: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós" (1Jo 1,8), isto é: mentimos, a nós e aos outros, se não nos reconhecemos pecadores! ⁽⁶⁾ Pelo contrário, "se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo para no-los perdoar e para justificar-nos de toda injustiça" (1Jo 1,9), isto é, não só das faltas quotidianas, mas da sua raiz, a radical hostilidade contra Deus e contra o próximo, que leva a todos os pecados. Mais. "Se dissermos que não pecamos, fazemos dele um mentiroso, e a sua palavra não está em nós!" (1Jo 1,10) Aqui João corta rente qualquer tentativa de escapar à sua argumentação cerrada: negar que somos pecadores é contestar a palavra de Deus que declara, na Escritura, como o lembra Paulo na carta aos romanos, que todos somos pecadores, isto é, que "todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado" (Rm 3,9; cf. porém toda a passagem de 3,9-20).

A seguir, João adverte: "Filhinhos, isto vos escrevo para que não pequeis. Mas se alguém pecar, temos um advogado ⁽⁷⁾ diante do Pai, Jesus Cristo, que é justo. Ele é a vítima de expiação

pelos nossos pecados, e não só pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1Jo 2,1-2). Continuando seu ensinamento aos "filhinhos" da comunidade joanina, o autor exorta a que "não pequem", mas logo supõe esta eventualidade que antes considerara inerente à condição humana: "se alguém pecar", tenha a certeza de contar com um "advogado junto ao Pai", advogado que é, ele mesmo, "justo" e que se sacrificou por nós, como "vítima de expiação pelos nossos pecados. . . e também pelos do mundo inteiro"! Como não recordar, aqui, a primeira proclamação do Batista em relação a Jesus, no evangelho segundo João: "Eis aí o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (Jo 1,29)? A propósito, mais adiante, no início da tríplice dedicatória aos "filhinhos", "pais" e "jovens" ⁽⁸⁾, seus destinatários, João os tranquiliza: "Eu vos escrevo, filhinhos, porque vossos pecados estão perdoados por causa do nome dele, de Jesus" (1Jo 2,12). "Estão perdoados", por quê? Porque confessados, reconhecidos como tais, e "purificados pelo sangue de Jesus", como o Apóstolo já nos lembrara no início da carta, no v.7: "Se caminhamos na luz, como ele está na luz, então estamos em comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1Jo 1,7). É, portanto, o sangue daquele em cujo "nome" nós cremos, Jesus Cristo, "vindo na carne" (cf. 1Jo 4,2) e reconhecido na fé como Filho de Deus, que nos purifica ⁽⁹⁾.

O passo seguinte de João, no cap. 3 de sua carta, vv.6-9, insistindo em que "não pode pecar", "não peca" todo aquele que nasceu de Deus e que permanece em Deus — afirmação retomada no final da carta, em 5,18 — parece contradizer a sua insistência anterior, que vimos acima, na necessidade de reconhecermos e confessarmos nossos pecados. Evidentemente, não pode haver contradição num texto do nosso autor, mesmo supondo-se redações e acréscimos sucessivos: o redator final deve ter zelado pela coerência do conjunto. E a solução ⁽¹⁰⁾ está em duas linhas: não pode pecar *habitualmente* aquele que "nasceu de Deus", embora deva reconhecer-se pecador por sua humana fragilidade, que o leva a incidir em faltas quotidianas; e não pode cometer o "pecado que leva à morte" (expressão que aparece no c.5,16-17), que é provavelmente o pecado da apostasia — para quem já creu (cf. Hb 10,26-31), ou o pecado da incredulidade, do orgulho, da cegueira voluntária — para quem se fecha à fé. Esta cegueira é denunciada em Jo 9,41 e nos Sinóticos é qualificada de "pecado contra o Espírito Santo", que "não tem perdão para sempre" (cf. Mc 3,28-30 prl).

A importância decisiva da confissão do pecado para que se manifeste, no pecador, o perdão e a graça de Deus

Deixando agora a primeira carta de João, recordamos apenas algumas outras passagens bíblicas que nos mostram a importância decisiva da confissão do pecado para que se manifeste, no pecador, o perdão e a graça de Deus. Nos evangelhos, o passo mais eloquente parece ser o da parábola do "Pai misericordioso", a que já acima nos referimos, em Lc 15,11-32. A desgraça do "filho pródigo" muda-se em graça exatamente no momento em que ele, do fundo da sua miséria e passando fome, decide voltar e confessar, com humildade sincera: "Pai, pequei contra o céu e contra ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho. . . Trata-me

como um de teus empregados. . ." (Lc 15,18-19). E Jesus tem o cuidado de observar que a confissão, ensaiada com cuidado, não chega a ser completada: o Pai misericordioso não deixa que o "filho pródigo" proponha ser rebaixado a servo, mas imediatamente o reintegra, perdoa-o totalmente, sem qualquer recriminação, pelo simples fato de que voltou arrependido (cf. *ibid.* vv.21-24).

Mas temos também, no Antigo Testamento, a confissão do rei Davi, adúltero e assassino, inesperadamente incriminado pelo profeta Natã com a parábola da ovelhinha do pobre, em 2Sm 12,1-4. Como rei absoluto que era, Davi poderia ter feito calar o profeta, mandando matá-lo, para continuar abafando sua consciência, como havia mandado matar Urias. Mas, não. Ante a palavra severa do profeta ele se humilha, e confessa: "Pequei contra o Senhor" (2Sm 12,13). E Deus o perdoa, embora o pecado não fique sem as conseqüências previstas (cf. vv. 10 e 11). A propósito, um dos mais belos salmos bíblicos, o Sl 51, justamente atribuído ao mesmo rei Davi, é a expressão inigualável do arrependimento e da confissão do pecador contrito: "Tem piedade de mim, ó Deus, por teu amor; apaga minhas transgressões, por tua grande compaixão! Lava-me inteiro da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado! Pois reconheço minhas transgressões, e diante de mim está sempre o meu pecado; pequei contra ti, somente contra ti, e o que é mau pratiquei a teus olhos. . ." (Sl 51,3-6) Essa confissão da própria injustiça do homem, que assim reconhece a *justiça* de Deus, atrai-lhe o perdão que o justifica, torna-o de novo "justo" e o salva. . . único e infalível caminho que deve trilhar o pecador para trazer sobre si a misericórdia!

Nada existe de mais reconfortante que a certeza de ser amado

No entanto, Deus é livre e soberano nos seus dons, também no seu perdão, concedendo sua graça a quem Ele quiser concedê-la, e tendo misericórdia de quem Ele quiser tê-la (cf. Ex 33,19b), sem dever prestar contas a quem quer que seja, como o relembra Paulo na carta aos romanos 9,14-23, onde o Apóstolo retoma a argumentação já feita por Isaías: poderá a argila discutir com o oleiro e reclamar que ele não a tenha moldado diferente (cf. Is 29,16)? Em suma, quem é o homem para pedir contas a Deus? Não foi outra, aliás, a conclusão de Jó, após a sofrida busca de explicações que aclarassem o seu sofrimento, busca que pervade todo o seu livro, e que chega ao desenlace quando "a seus próprios olhos", e não mais por "ouvir dizer", o próprio Deus se revela no esplendor da sua potência criadora (cf. Jó 38-41): "Reconheço que tudo podes. . . falei de coisas que não entendia. . . por isso retrato-me e me penitencio no pó e na cinza. . ." (cf. Jó 42,2-6). Pois bem, é esse Deus onipotente e soberano que se inclina, que olha para nós, que vê a nossa humilhação (cf. o cântico de Maria, especialmente Lc 1,48), nos ama, nos procura e nos salva, exatamente como o Pai misericordioso ao filho pródigo arrependido — *desde que nos reconhecemos pecadores*, confessando nosso(s) pecado(s).

2. A proclamação do amor de Deus: Nada existe de mais reconfortante que a certeza de ser amado, de ser querido, de não estar sozinho nem abandonado. E esta é justamente a experiência expressa pelo paradoxo brattiano: "Sou um pecador que

Deus amou”, isto é, apesar de pecador, Ele me amou e me ama, à semelhança do que Paulo já o expressara também naqueles textos que lembramos no início destas reflexões.

Mas isto, alguém diria, vale só para os privilegiados, os favorecidos, em cujo número ainda não temos a certeza de estar incluídos, embora esperemos aí estar. Pois bem, e os outros? O que dizer da multidão dos empobrecidos, dos famintos, dos desprezados, das vítimas de desastres, da guerra, das doenças, de tantas formas de violência? e do sofrimento inocente e dos inocentes, das crianças? Como verificar neles e nelas o amor de Deus? Afinal, Deus ama a todos os seus filhos? Deus é realmente misericórdia, bondade, compaixão, numa palavra, como o resumem tantas vezes os teólogos e salmistas do AT, “Deus é rico em misericórdia” (Ex 34,6), “Deus é bom” (Sl 25,8; Sl 34,8; Sl 73,1 etc etc), ou, como o sintetiza a primeira carta de João no cap. 4,8.16, “*Deus é Amor*”?

E este mundo-cão, tão cheio de sofrimento e maldade, que “jaz sob o poder do Maligno” (1Jo 5,19) e pelo qual o Senhor não quis — ou não pôde — orar (cf. Jo 17,9: “Por eles eu rogo, não pelo mundo. . .”), como admitir que este mundo, apesar de tudo, é “amado por Deus”, como afirma o próprio Jesus no quarto evangelho, diante do rabino Nicodemos: “Deus amou tanto o mundo que entregou seu próprio Filho” (Jo 3,16)?

Todos os santos, que amaram a Deus e sentiram-se por Deus amados, tornaram-se amáveis e amaram os homens

Há um texto, ainda na primeira carta de João, que me parece fornecer a chave para a resposta a todas as perguntas que poderiam ainda somar-se às já feitas: é o v.16 do cap. 4, onde o Apóstolo escreve a seus “amados” que nós, cristãos, “chegamos a *conhecer* o amor de Deus por nós (ou lit. “em nós”, gr. *en hemin*) e nele *acreditamos*, nele cremos: Deus é Amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele!” (1Jo 4,16). Sublinhei o “cremos”, expresso por João no tempo perfeito da ação perdurante: chegamos a crer e continuamos crendo. . . no Amor! Aí está: o Amor é o objeto supremo da Fé, e é só *pela Fé* que o percebemos no mundo e o acolhemos em nós, apesar de todas as manifestações de desamor que inferniza a vida de tantos seres humanos, nossos irmãos. Por isso mesmo, percebê-lo, “crer no Amor”, crer “no Amor que é Deus e que Deus nos tem”, não pode reduzir-se à dimensão verticalista e individualista do “eu e meu Deus”, mas forçosamente se difunde e se concretiza no compromisso com o outro, como tantas vezes insiste João: “Se Deus assim nos amou, devemos, nós também, amar-nos uns aos outros!” (1Jo 4,11); “Aquele que não ama (ao irmão), não conhece a Deus, pois Deus é Amor” (1Jo 4,8); “Se alguém disser que ama a Deus, mas odeia seu irmão, é mentiroso. . .” (1Jo 4,20a).

Em suma, como conclui SCHNACKENBURG o seu comentário à 1Jo 4,16: “Este v. representa o ponto culminante da contemplação joanina de Deus, e é talvez a expressão mais completa da boa notícia, das exigências e promessas joaninas a respeito do homem. Esta sentença magnífica não pode isolar-se do sentido e contexto de toda a secção (da 1Jo 4,7-21), reduzindo-se a um puro sentimentalismo. Anuncia o Deus cristão que revelou seu amor em Cristo, e convida o cristão à postura e ação amorosas seguindo o modelo supremo. . .” (11)

É por isso que todos os santos, que amaram a Deus e sentiram-se por Deus amados, tornaram-se amáveis e amaram os homens, não podendo conter em si, egoisticamente, a experiência do amor. E é novamente João quem o exprime de maneira lapidar: “Nisto conhecemos o Amor: Ele (Jesus, que, entregando-se por amor, nos revela o amor do Pai), deu a vida por nós. Por isso, nós também devemos dar a nossa vida pelos irmãos” (1Jo 3,16) (12).

O tema é vasto e nos levaria longe, tão variado e insistente é o testemunho da palavra de Deus a respeito. Encaminhando-nos, porém, para a conclusão, não gostaria de omitir o magnífico texto de Paulo na carta aos romanos, cap. 5, que me parece abarcar as duas pontas do epitáfio brattiano:

“Justificados pela fé, estamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tivemos acesso, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. . . E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado. Com efeito, quando ainda éramos fracos, Cristo, no tempo marcado, morreu pelos ímpios. . . Deus, pois, demonstrou seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores. . .” (cf Rm 5,1-8)

Isto é, apesar de pecadores, Deus nos amou e nos ama, a ponto de “entregar-nos seu Filho”, com ele “agraciando-nos com todas as coisas”, como insiste o mesmo Paulo no cap. 8 da mesma carta aos romanos (Rm 8,32), desembocando no famoso canto de vitória que tanto se aproxima da proclamação da “vitória que vence o mundo, a nossa fé” na 1Jo 5,4: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? . . . Pois em tudo isto somos mais que vencedores, graças Àquele que nos amou! E eu estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, nem a altura nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 8,35-39)!

Conclusão

Pe. Paulo Bratti teve o dom precioso de sentir-se “amado por Deus” mesmo reconhecendo-se “pecador”. Por isso essa consciência de ser “amado” não o envaidecia, porque a recordação do próprio pecado o fazia perceber com clareza que “ser amado” era pura graça, não mérito seu. E isso lhe dava a capacidade de “tornar a Verdade amável”, como observou um de seus colegas, de ser, além de conferencista e pregador requisitado, “testemunha” das realidades invisíveis de que falava. Foi para mim uma bênção especial tê-lo conhecido. Possa a sua convicção de ser “amado por Deus”, mesmo se “pecador”, ser a minha, a nossa também.

NOTAS

(1) Cf Editorial do n.º 1 desta revista (*Enc. Teol. n.º 1, ano 1 — 1986/1*): “A proposta dos ENCONTROS TEOLÓGICOS é uma tentativa de diálogo um pouco mais abrangente, já sonhada desde os tempos do falecido Padre Paulo Bratti, primeiro Diretor do ITESC, cuja memória é conservada tão viva entre nós. . .”

(2) É conhecida a problemática da discussão sobre a autenticidade paulina ou o caráter dêutero-paulino das cartas a Timóteo e a Tito, desde inícios do séc. 18 chamadas de “cartas pastorais”, e cuja eclesiologia refletiria uma situação histórica posterior à do Apóstolo. Boa síntese da questão encontra-se na TEB, Trad. Ecumênica da Bíblia, NT, Ed. Loyola, SP, 1987 (versão brasileira da TOB, Ed. Du Cerf, Paris, 1972). Lembro também o alvoroço causado pelo papirólogo O’Callaghan, jesuíta, que propôs, em 1971, a identificação de textos do NT, inclusive das “cartas pastorais”, em fragmentos da gruta 4 de Qumran, anteriores ao ano 70 da nossa era. . .

(3) "Pela fé no Filho" ou "do Filho de Deus?" — As versões modernas trazem normalmente "pela fé no Filho", embora o texto original grego bem como a versão latina antiga tragam um genitivo: "pela fé do Filho de Deus". E aqui transcrevo literalmente a Nota que se encontra, sobre esta expressão, na já citada TEB (cf Nota anterior): "Como compreender esta fórmula que se encontra também em Gl 2,16, em Rm 3,22.26 e em Fl 3,9? Os comentadores a interpretam habitualmente como se ela designasse a fé em Jesus Cristo (genitivo objetivo): Jesus Cristo é o objeto da fé. Mas Paulo poderia querer dizer que a fé tem Jesus Cristo como origem (genitivo de origem): Jesus Cristo é a fonte da nossa fé: ele nos dá a graça de crer. Um último sentido é possível: a fé é uma atitude do próprio Jesus Cristo (genitivo subjetivo): Jesus Cristo tem em seu Pai uma fé total. . . e por ela nos justifica, pois ela o faz cumprir a sua missão de salvação. Essa afirmação seria paralela à de Rm 5,19, que atribui a justificação dos homens à obediência do Cristo. . ."

(4) É o famoso versículo de Os 6,6, que compendia a polêmica profética contra o formalismo religioso do culto, versículo que coloca em paralelo "misericórdia" — traduzindo o original hebr. hesed: amor, fidelidade, solidariedade — e "conhecimento de Deus", contrapondo-os a "sacrifício ritual" "holocausto". O mesmo texto será novamente aduzido por Jesus em Mt 12,7, ao defender seus discípulos que, tendo fome, haviam colhido e comido espigas de trigo em dia de sábado.

(5) Popularmente conhecida como parábola do "filho pródigo", epígrafe que não corresponde ao sentido integral do ensinamento de Jesus, claramente centralizado na figura do pai e igualmente visando à dureza de coração dos "escribas e fariseus" legalistas, muito bem retratados na figura do filho mais velho. Um título mais abrangente da parábola seria: "O pai misericordioso e seus dois filhos". O título pela "Bíblia Pastoral" (Ed. Paulinas, SP, 1990) faz bem em alertar para "os dois filhos", mas omite a referência ao personagem central que é o pai, "o pai misericordioso".

(6) João visa provavelmente os "separatistas", ex-membros da comunidade ou em vias de se auto-excluir, influenciados por um gnosticismo presunçoso que os levava a se considerarem "perfeitos", impedindo-os de reconhecerem os próprios pecados.

(7) "Advogado", em gr. paráklētos, termo que em Jo 14, 16.26; 15,26 e 16,7 designa o "outro Paráclito", o "Espírito da Verdade que procede do Pai e dará testemunho" de Jesus, significa igualmente "advogado", "defensor" e "consolador" — aplicando-se aqui a Jesus como nosso intercessor junto do Pai (cf Hb 7,25 e também Rm 8,34), enquanto em João,

nas passagens assinaladas, aplica-se ao Espírito Santo que vem em nosso auxílio na terra. Notar, porém, que, na carta aos romanos (Rm 8,26-27), o Espírito Santo também é apresentado como intercessor, ajudando-nos a orar.

(8) Ver, a propósito desse texto da 1Jo 2, 12-14, o meu estudo no número anterior desta revista, no artigo sobre "A força dos jovens na primeira carta de João", Enc. Teol. 11 (1991/2), p. 6-12, especialmente p. 7.

(9) É interessante notar que em outro contexto, no c.15 do quarto evangelho, na alegoria da Videira, Jesus nos garante que é a sua palavra que nos "purifica" e nos "poda" (Jo 15,3: são possíveis os dois sentidos do verbo gr. kathairo), libertando-nos dos pecados que impedem que produzamos os frutos que glorificam o Pai (cf Jo 15,8). Tenho a impressão de encontrar aí, em Jo 15,3 (a Palavra) e na 1Jo 1,7 (o Sangue), as duas vertentes que constituem a liturgia integral da Igreja: a Palavra conduzindo à Eucaristia e a Eucaristia iluminada pela Palavra, ambas purificando-nos de nossos pecados e ambas vitalizando-nos com a vida divina. Não seria a mesma tendência gnóstica e/ou docetista que levaria alguns hoje também, como parece ter sido o caso dos "separatistas" da comunidade joanina, a reduzir os encontros comunitários à Palavra, esquecidos de que "a palavra se fez carne" (Jo 1,14) e que a "Carne imolada deve ser comida" e o "sangue derramado deve ser bebido", para que tenhamos a vida em nós (cf Jo 6,51b-53)?

(10) Cf as explicações pertinentes de STOTT, J. R. W. in I, II e III João, Introdução e Comentário, Edit. Mundo Cristão, Série Cultura Bíblica, trad. do original inglês de 1964, SP 1982, p. 108-109.

(11) SCHNACKENBURG, R. "Cartas de San Juan" (trad. do original alemão de 1974), Barcelona, Edit. Herder, 1980, p. 269

(12) Aqui, num dos seus lances de gênio, João nos pega desprevenidos: seria lógico termos lido que deveríamos "dar a vida por Ele", porque "Ele deu a vida por nós. . .", mas não. Como já Oséias havia advertido, afirmando-nos que "conhecimento de Deus" equivale a "solidariedade interumana" (cf Os 6,6, mas também os 4, 1-2 e, ainda, Jr 21, 16: "conhecer a Deus" é socorrer o pobre!), também aqui, a nossa retribuição ao amor de Deus, "a quem nos vemos", está em amar o irmão "a quem vemos" (cf 1Jo 4,20b)!

Endereço do autor:
ITESC — cx. postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

PADRE PAULO BRATTI

Presbítero da Igreja

Pe. José Artulino Besen
Prof. de História da Igreja

Terminei de redigir estas páginas no dia em que se celebram os 10 anos de falecimento do Pe. Paulo, 15 de maio de 1992. São páginas ditadas por recordações e afetos. São páginas de um amigo, não de um analista frio. Aprendi a conhecê-lo e admirá-lo, sem deixar de questionar certas posições e atitudes suas. Durante sete anos, quando vinha de Azambuja a Florianópolis para lecionar no ITESC às segundas-feiras, conversávamos longamente. Batia à porta e, após uns instantes, o "entre!". Era Pe. Paulo deixando seu "ócio contemplativo" e vindo atender com toda a disponibilidade. Como gostava de novidades e, especialmente, da garimpagem de um elogio a uma palestra ou artigo seus! A gente, de propósito, fazia ouvidos de mercador. . . Na segunda-feira antecedente à sua morte conversamos e ele expôs-me longamente seu projeto de um livro com seus principais artigos. Desta conversa nasceu a obra, publicada pelas Edições Loyola, A FÉ NO DESTERRO (1983).

Pe. Bratti era um ótimo conversador. Gostava do contato com pessoas da política e formadores de opinião.

Escrevi estas páginas seguindo a memória, as conversas com os outros e, especialmente, manuseando toda sua correspon-

dência e os dois volumes de seu Diário pessoal. Tenho consciência de que muitos não concordarão com certas afirmações, pois o conheceram em outros momentos e situações, não tendo a oportunidade de descobrir em Pe. Paulo a pessoa humana e cristãmente rica que era. Não escrevo uma biografia. É mais uma memória de amigo para amigos dele.

ALGUNS DADOS

Paulo Bratti, filho de Pedro Otaviano Bratti e de Veneranda Bussolo Bratti, nasceu em Orleans, terra dos Condes, a 29 de junho de 1936, dia de São Pedro e São Paulo. Gostava de lembrar simbolicamente a data, pois se celebrava Pedro, a Rocha, a Instituição, e Paulo, o Carisma, o primeiro depois do Único, Cristo.

Realizou seus estudos primários na Escola Estadual de Orleans, de 1947 a 1949. Coursou os estudos preparatórios no Pré-Seminário de São Ludgero nos anos de 47 e 48.

O Ginásio e o Clássico foram feitos no Seminário Menor Metropolitano de Azambuja, em Brusque, entre os anos de 49 e 53. Segue depois para o Seminário Maior de Viamão, no Rio Grande do Sul, onde cursa Filosofia de 54 a 56.